

ENTRE INFORMAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO: ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O OLHAR DA FOLHA DE S.PAULO NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS VENEZUELANOS

Eduardo Ritter¹, Enrique Carvalho Bohm², Letícia Vieira dos Santos³

Resumo: Apesar da longa história de migração humana, a sociedade ainda se confronta com sentimentos contraditórios frente ao estrangeiro, variando entre curiosidade e agressividade, um reflexo da lógica disjuntiva imposta pela colonização e a modernidade. Este dilema contemporâneo também se estende ao jornalismo, exemplificado pela abordagem da Folha de S.Paulo sobre a imigração venezuelana para o Brasil, questionando como narrativas midiáticas podem influenciar a percepção pública sobre migração, etnocentrismo, e a humanização (ou desumanização) dos imigrantes. Assim, o presente artigo analisa uma grande reportagem publicada pelo periódico a partir de autores como Buaman, Hall e Sayad. O que se percebe é uma abordagem que apresenta o imigrante como um estranho e como um potencial causador de problemas sociais.

Palavras-chave: Migração; jornalismo humanizado; diáspora; discurso; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

No clássico romance intitulado *O estrangeiro*, o escritor francófono Albert Camus (1913-1960) conta a história do personagem Meursault que, assim como o autor da obra na primeira parte da sua vida, vive na Argélia nos tempos em que o país africano era uma colônia francesa. Mesmo sem se tratar de um estrangeiro que se desloca geograficamente para outro país ou continente, o personagem de Camus apresenta diversos dos dilemas enfrentados pelas pessoas que migram de um lugar para outro, seja por questão de sobrevivência ou pela busca de uma vida melhor: sensação de estranheza, desconexão emocional e social com

1 Doutor em Comunicação Social. Professor do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

2 Graduando do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

3 Graduanda do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

o mundo ao seu redor, limitações financeiras, isolamento e dificuldades para expressar suas emoções e aderir à cultura local.

Considerando que “desde seu surgimento nas planícies africanas, há 2,4 bilhões de anos, o gênero *homo* se move pelo mundo” (Martinez, 2016, p. 67), inicialmente como nômade, e posteriormente como desbravador, a espécie humana a essa altura, século XXI, deveria saber lidar melhor com os movimentos diaspóricos. No entanto, o dilema vivido pelo estrangeiro de Camus e pelas pessoas que se deslocam pelo planeta, seja fugindo de guerras ou na busca por um crescimento que pode variar do financeiro ao filosófico, ainda encontra no rosto dos chamados nativos sentimentos que podem ir da admiração e curiosidade ao medo, desconfiança e agressividade. Tal copresença, nas palavras de Hall (2011, p. 51), segue uma “lógica disjuntiva que a colonização e a modernidade ocidental introduziram no mundo e sua entrada na história que constituíram o mundo, após 1492, como um empreendimento profundamente desigual, mas ‘global’”. Ou seja, ao mesmo tempo que a ideia de um cosmopolitismo vai ganhando força, o estranhamento ao outro, ao diferente, também não perdeu espaço.

Para a questão ficar mais complexa, ainda surgem os diferentes tipos de narrativas que, contemporaneamente, passaram a contar com as produções jornalísticas e as grandes reportagens. Diante disso, surge o seguinte problema de pesquisa: como o jornalismo brasileiro aborda a vinda de imigrantes de países em crise? Para dar luz à essa questão, optou-se por analisar uma grande reportagem feita por um dos maiores e mais tradicionais jornais brasileiros, a Folha de S.Paulo, em que é tratada a questão da vinda de imigrantes venezuelanos para o país, com o objetivo de investigar como o jornalismo brasileiro tem abordado a chegada de imigrantes oriundos de países em crise, analisando a narrativa de um dos principais veículos jornalísticos brasileiros. Baseado em autores que problematizam a questão da humanização (e desumanização) do jornalismo contemporâneo, tais como Ijuim e Moraes, e em pesquisadores que abordam os movimentos migratórios em seu contexto histórico, social e cultural, como Hall, Bauman e Sayad, é feita uma análise discursiva de uma grande reportagem do jornal mencionado sobre os imigrantes venezuelanos.

Para tanto, inicialmente são feitas reflexões iniciais sobre reportagem, jornalismo humanizado, movimentos migratórios e etnocentrismo midiático. Posteriormente é apresentado o objeto de análise e os procedimentos metodológicos para, por fim, serem feitas as inferências em torno da relação entre narrativa jornalística e migração.

2 REPORTAGEM E JORNALISMO HUMANIZADO: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Sendo um dos formatos utilizados em todos os tipos de mídia por jornalistas para transmitir informações noticiosas e construir narrativas sobre a

realidade, a reportagem é caracterizada por ser mais extensa e mais complexa do que uma notícia factual, aprofundando e detalhando mais o tema central. Por conta disso, muitas vezes é o tipo de texto jornalístico escolhido para se narrar ao público um acontecimento mais complexo ou de teor sensível. Ou ainda: “Dedica-se àquilo que a notícia não deu conta de narrar ou explicar completamente e a tudo que exige uma investigação jornalística extensa e cuidadosa” (Boff, 2021, p. 115).

Tratando-se de classificação, conforme Lage (1993), reportagens podem ser separadas de acordo com seus propósitos: exposição, opinião ou interpretação acerca de um assunto. A reportagem expositiva é caracterizada por detalhar uma série de conteúdos informativos, prevalecendo a busca pela objetividade e pela imparcialidade na descrição do tema. Ainda conforme o autor, a reportagem opinativa é quando há no texto tanto a exposição de fatos quanto a opinião do jornalista responsável por produzir a matéria. Por fim, uma reportagem pode ser classificada como interpretativa quando o repórter efetua uma análise entre os fatos e outros elementos (depoimentos, dados estatísticos, fatos históricos, relatórios oficiais etc.) que encaminham o público para uma conclusão a respeito do tópico abordado.

Em relação ao processo de produção de uma reportagem, Lage afirma que:

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento [...]. Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou ser atualizados por um acontecimento. [...] O estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia: varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance (Lage, 1993, p. 47).

Por ser um tipo de texto jornalístico que compartilha técnicas e características que muitas vezes convergem com as narrativas literárias, como a descrição de ambientes, uso de personagens dentro do enredo, além de dar atenção à aparência e à linguagem não verbal da pessoa entrevistada ou observada, a reportagem muitas vezes proporciona mais liberdade ao repórter para desenvolvê-la de forma criativa e autoral, tanto no estilo de escrita, quanto na disposição das informações na estrutura do texto. Conseqüentemente, é utilizado em abundância ao abordar temas mais sensíveis e que apresentam vários pontos de vista e vieses, como guerras, conflitos políticos e fluxos migratórios.

A partir desta perspectiva da reportagem, chega-se ao que vem sendo chamado por pesquisadores como Zanetti (2023) e Ijuim (2017) que, ainda, pode ser visto como um tipo de jornalismo que troca os conceitos de objetividade por uma valorização da subjetividade que humaniza, conforme aponta Moras (2022). Afinal, migrações, diásporas e as consequências sociopolíticas dessas ações são temas que obrigam os jornalistas a lidarem com questões de direitos humanos e violências durante o desenvolvimento de uma pauta. Ao tentar produzir notícias e reportagens com objetividade e imparcialidade, existe a hipótese de que muitos veículos reproduzem, mesmo que inconscientemente, discursos de opressão, além de estereótipos e, eventualmente, discursos preconceituosos. Para garantir dignidade e respeito aos envolvidos em acontecimentos sensíveis, é necessário “o uso de recursos éticos, estilísticos e linguísticos que permitam a produção de conhecimento sobre sua complexidade sem reproduzir violências e discriminações” (Zanetti, 2023, p. 3).

Além do desconhecimento do jornalista sobre o contexto cultural do acontecimento que deve ser noticiado, outro fator que causa a prática de um jornalismo que negligencia percepções mais inclusivas em coberturas sobre migrações e diásporas são as condições em que a pauta é produzida. O sistema de produção jornalística no Brasil ainda é fundamentado nas diretrizes da profissão consolidadas no século XIX, influenciadas pela filosofia positivista. Atualmente, veículos jornalísticos exigem de seus funcionários uma produção rápida, padronizada e palatável de notícias para o consumo público, tornando quase impossível para o profissional de jornalismo realizar uma apuração de informações abrangente o suficiente para contemplar todas as complexidades de uma situação. “A realidade objetiva, afinal, precisa sofrer não uma interpretação, e sim várias” (Moraes, 2022, p. 55).

Combatendo essa tendência, existe o jornalismo humanizado, uma prática de elaboração de notícias em que tanto o relato do narrador quanto a própria narrativa têm um impacto sob o consumidor do produto jornalístico. No jornalismo humanizado, o processo de humanização de uma pauta já se inicia na etapa de apuração de informações, onde o repórter não aborda o tema como uma realidade abstrata e distante, mas sim como uma oportunidade de compreensão das ações dos sujeitos entrevistados, fazendo a reportagem ser uma expressão de sentidos tanto dos entrevistados quanto do próprio escritor.

“Caricaturizar o ser humano, não perceber a complexidade dos fenômenos e não reconhecer e não se comunicar com o Outro, me parece, são maneiras de não colocar o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística” (Ijuim, 2017, p. 247). Ou seja, livre de preconceitos, ou pelo menos consciente da existência deles, essa prática possibilita um texto mais humanizado que busca atribuir significados a um acontecimento, para proporcionar ao público, mais do que uma explicação objetiva, a compreensão e valorização das ações humanas.

3 MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E O ETNOCENTRISMO MIDIÁTICO

Na obra *Estranhos à nossa porta*, Bauman (2017) levanta questionamentos sobre o real impacto da crescente onda migratória, que especificamente afeta a Europa, refletindo sobre a forma como a mídia tradicional e as redes sociais disseminam e interpretam os efeitos do movimento intitulado midiaticamente de crise. O autor aponta que tal temática é dissimuladamente relegada às segundas páginas dos jornais em prol de temas mais recentes e muitas vezes, sob o ponto de vista humanitário, menos relevante. Em seu texto, o autor ainda consegue elaborar uma crítica velada ao atual modo de produção dos países do centro do capitalismo e à desigualdade social tanto entre as nações, quanto no interior delas.

“Essa crise é hoje uma espécie de codinome politicamente correta para a fase atual da eterna batalha dos formadores de opinião pela conquista e subordinação das mentes e dos sentimentos humanos” (Baumann, 2017, p. 7). Essa reflexão elabora a ideia que o pânico moral criado em cima dos movimentos migratórios de massa é visivelmente inflado tanto pelas empresas midiáticas, quanto por comentaristas e *influencers* do jornalismo, moldando e reforçando antigas narrativas contrárias aos estrangeiros, ampliando, assim, o imaginário e os estereótipos que se formam acerca de tais grupos. “Os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologias do imaginário. [...] O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes” (Silva, 2003, p. 8). Ou seja, o discurso midiático que chega à sociedade através das tecnologias muitas vezes reforça perspectivas preconceituosas sobre comunidades diaspóricas.

Isso se complexifica ainda mais considerando as dificuldades geralmente enfrentadas por pessoas que partem de suas nações em busca de melhores condições de vida ou de sobrevivência. Bauman (2017) aponta que, no caso europeu, os olhares estão sendo voltados para dentro, preocupando-se mais com a vida do cidadão médio europeu do que com as dos que vêm de fora, chegadas ao continente por conta de dificuldades existentes resultantes da desigualdade social de seus países originários. Aliás, esse não é um problema recente. “Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectiva têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos” (Bauman, 2017, p. 13). E, assim como não chega a ser uma novidade, também não se resume ao contexto europeu.

Dois fatos ocorridos em junho e agosto de 2023, respectivamente, exemplificam como a situação dos imigrantes pode ficar em segundo plano, ou ser ignorada, por questões econômicas e etnocêntricas. Primeiro, em junho, a mídia brasileira e internacional deu ênfase à morte de três bilionários em um

submarino que fazia uma expedição ao local onde está naufragado o Titanic⁴ (Capelli, 2023). Já em agosto, o naufrágio de um barco onde 41 imigrantes perderam suas vidas na Itália não recebeu o mesmo destaque e as vítimas não tiveram suas histórias contadas para o público, como ocorreu no primeiro caso. Neste sentido, a crítica de Moraes é válida para a diferenciação no tratamento de vítimas que, nos casos citados, envolvem acidentes no oceano.

É preciso dizer desde já que essa é uma objetividade específica, calcada em uma racionalidade moderna, responsável por formas de ver, valorar, interpretar e enquadrar. Também com capacidade de hierarquizar humanidades, de se transmutar e de persistir (Moraes, 2022, p. 33).

Aliás, muitas vezes amparados pelos critérios de noticiabilidade, os enfoques jornalísticos acabam contribuindo para uma anestesia e indiferença no público, gerado pelo fato de que estamos tão expostos às notícias de acidentes fatais com refugiados que já naturalizamos uma situação absurda como a citada. Os enquadramentos jornalísticos e midiáticos têm sua parcela de culpa, pois mesmo quando se tratam de grandes reportagens, muitas vezes o foco dado corrobora com tal perspectiva, especialmente quando se trata de diásporas.

Vale ressaltar também as questões econômicas percebidas nos processos migratórios, como observado por Sayad (1998), pois, enquanto por um lado os emigrantes deixam seus países em busca de melhores condições financeiras (ou até mesmo da sobrevivência), por outro, eles chegam como imigrantes geralmente sendo vistos como mão de obra barata.

Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão-de-obra permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração. [...] O resultado disso tudo foi que todos acabaram por acreditar que os imigrantes tinham seu lugar durável, um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social, é verdade, mas um lugar duradouro (Sayad, 1998, p. 46-47).

Ou seja, a questão da imigração, tanto na perspectiva de crise humanitária destacadas por Bauman (2017) e Sayad (1998), tanto num olhar mais voltado para transformações culturais, como em Hall (2009), é um tópico frequentemente abordado no formato jornalístico visto anteriormente: a reportagem. A cultura,

4 Disponível em: <https://bmcnews.com.br/2023/06/22/submarino-desaparecido-conheca-os-3-bilionarios-que-estao-na-expedicao-ao-titanic/#:~:text=Um%20dos%20identificados%20como%20tripulantes,em%20agricultura%2C%20ind%C3%BAstrias%20e%20sa%C3%BAde.> Acesso em: 20 de outubro de 2023.

aliás, que também se torna fator central nesse processo. “A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura” (Hall, 2009, p. 33). No entanto, a abordagem, muitas vezes não humanizada sobre os processos migratórios acaba ignorando isso, abordando, assim, a chegada de estrangeiros ao seu país como a chegada de invasores, de intrusos e de estranhos, ou, como destaca Buaman (2017) no título de sua obra: estranhos à nossa porta.

4 O BRASIL NO CAMINHO DOS MIGRANTES VENEZUELANOS

Desde o início da exploração do petróleo no período pós-colonial da América Latina, a Venezuela se destacou no cenário mundial. Tanto é que, no início dos anos 1970, Eduardo Galeano escreveu: “Este é um dos países mais ricos do planeta e, também, um dos mais pobres e violentos” (Galeano, 1989, p. 180). Ele acrescenta que nenhum outro país latino-americano drenou mais riqueza para o capitalismo europeu e americano do que a Venezuela através das petrolíferas americanas. Na época, o pesquisador uruguaio fez a pergunta que estamos vendo ser respondida contemporaneamente: “O que acontecerá quando ouvirmos o ruído característico do sorvedor ao acabar o líquido?” (Galeano, 1989, p. 184). Apesar de ainda possuir grandes reservas de petróleo o país já colhe os piores resultados de séculos de exploração sem nunca ter recebido nenhuma indenização dos colonizadores.

Desde 2015, quando houve a queda nos preços do petróleo venezuelano, uma fonte crucial de receita para o país e iniciou uma grave crise econômica, política e social, até o final de 2022, estima-se que aproximadamente 6,8 milhões de pessoas deixaram o país na busca por um lugar para tentar melhorar de vida ou sobreviver (Cogo; Alencar; Camargo, 2023). Neste contexto, o Brasil se tornou o quinto principal destino de deslocados vindos da Venezuela no mundo que, conforme os autores, o registro de 261 mil pedidos de asilo até o final de 2021. De maneira geral, são pessoas em busca de sobrevivência em um país estrangeiro, com cultura, geografia povos e língua diferentes. Esses e outros fatores fazem com que o preço cobrado por tal deslocamento vá além da questão financeira.

Diante da crise, levantamento elaborado pela Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados no Brasil (ACNUR) aponta que, entre os 334 venezuelanos participantes da pesquisa, existe um índice de que oito em cada dez participantes sentem solidão, sendo que metade dos analisados afirmam necessitar de um acompanhamento psicológico ou apoio emocional para poder tratar da saúde mental abalada pelo deslocamento forçado. Do total, 90% dos participantes ainda afirmam ter se separado de parentes próximos para poder

cruzar a fronteira. Alguns dos fatores apontados como contribuintes para o sentimento de desalento são a busca por moradia e alimentação básica⁵.

Complementando o sentimento desolador de ter que abandonar tudo para buscar uma nova vida em outra país, há ainda a hostilidade com as quais muitos dos imigrantes são recebidos. Em 2018, por exemplo, conforme reportagem da BBC News Brasil, venezuelanos foram perseguidos e tiveram até mesmo seus pertences queimados em um conflito ocorrido em Pacaraima (RR) (Fellet, 2018)⁶. A demanda altíssima do serviço público de Roraima e a quantidade de refugiados adentrando o território nacional chegou a um ponto que se viu a necessidade do desenvolvimento de um programa social de integração social, cultural e econômica voltada aos recém chegados. Assim, também em 2018, teve início o Programa Acolhida, que buscava alocar os estrangeiros que chegavam ao estado. Ações como estas, inclusive, ajudam a reverter um estigma criado contra estrangeiros que partem de suas terras na busca de uma vida melhor e, muitas vezes, reforçados pelos discursos midiáticos.

Há dois possíveis impactos sobre as pessoas assim estigmatizadas por aqueles que lhes atribuem, com consentimento, o estigma. O primeiro é um golpe doloroso sobre o autorrespeito da pessoa estigmatizada (ou que compartilha a suposta falha genérica de um grupo), resultando nas agonias da humilhação e da vergonha; o que leva, por seu turno, a uma autodepreciação e a um desprezo insuportáveis, e – se o estigmatizado aceita o veredicto da “sociedade mais ampla” – termina na depressão e muitas vezes na impotência (Bauman, 2017, p. 44-45).

Ou seja, quando conteúdos midiáticos reforçam tais estigmas, eles pode terminar por reforça-los, como no caso do conflito de Roraima. Para além disso, pesquisa de Camargo, Cogo e Alencar (2022) apontam que o próprio acesso às tecnologias da comunicação também se torna um agravante na inserção dos migrantes na sociedade. Após realizar entrevistas com 12 venezuelanos que chegaram ao Brasil, os pesquisadores apontam que desde a chegada ao país houve uma redução das interações de comunicação digital e redes afetivas devido ao deterioro da conectividade na Venezuela e à suspensão de serviços de comunicação locais prestados por agências humanitárias. Além disso, foi registrado o obstáculos para acessar informações sobre direitos e serviços

5 Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/operacao-acolhida-atinge-a-marca-de-100-mil-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-interiorizados-em-930-municipios-do-brasil>. Acesso em: 20 de nov. de 2023

6 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45325672>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

básicos, como educação, saúde, trabalho e abrigo, em razão da redução dos canais de comunicação e o fechamento de centros de referência que apoiam refugiados. Por fim, também constaram o aumento da exposição a notícias falsas, golpes e discursos de ódio em plataformas de mídia social e aplicativos de mensagens, gerando desinformação e aumentando os riscos de exploração e marginalização de refugiados.

Feitas estas considerações sobre a situação dos imigrantes venezuelanos, a seguir são apresentados os aspectos metodológicos e a reportagem selecionada para a presente análise.

5 ANÁLISE DE DISCURSO E APRESENTAÇÃO DO OBJETO

Para analisar a reportagem selecionada no intuito de perceber como um veículo midiático brasileiro de grande alcance trata dos imigrantes venezuelanos, optou-se por fazer uma análise discursiva do texto. Para tanto, metodologicamente, esta se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica qualitativa, considerando que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 1995, p. 71). Além disso, corrobora-se aqui com as perspectivas de análise do discurso de Orlandi (2013) e da análise discursiva na comunicação de Sá Martino (2018). “A análise de discurso busca conhecer as condições de *enunciação* de um discurso, bem como as questões relacionadas com o *sentido* provocado pelas palavras, expressões e textos dentro de um contexto mais amplo” (Sá Martino, 2018, p. 163).

Para tanto, é importante apresentar brevemente a reportagem selecionada. Com o título “Brasil teme crise migratória no Acre após Peru e Chile aumentarem controles” (Cowie, 2023)⁷ no dia 28 de setembro de 2023 a reportagem foi publicada pelo site do jornal Folha de S.Paulo, sendo produzida pelo jornalista britânico que vive no Brasil, Sam Cowie, inicialmente para a BBC News Brasil. A escolha dessa reportagem foi feita por dois motivos. Primeiro, por envolver dois veículos de grande alcance: o jornal Folha de S. Paulo e a BBC News Brasil, versão em português do serviço de notícias da British Broadcasting Corporation (BBC). Segundo, por ser a reportagem de destaque sobre as migrações venezuelanas pelos dois veículos no mês de setembro, período mais próximo da produção desta pesquisa.

Considera-se importante ressaltar os veículos que originalmente publicaram o texto, bem como a identificação do repórter, pois “o discurso mostra as concepções de mundo de alguém; o jeito como falamos e escrevemos mostram como pensamos e onde nos encaixamos na realidade” (Sá Martino, 2018, p. 163). Então, encontra-se como autor, um jornalista britânico que trabalha

7 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/brasil-teme-crise-migratoria-no-acre-apos-peru-e-chile-aumentarem-controles.shtml>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

para diversos veículos ao redor do globo, como a rede Al Jazeera (Catar), The Guardian (Inglaterra), The Intercept (Estados Unidos) e BBC (Inglaterra), e como veículo que publicou, o jornal Folha de S. Paulo, fundado em 1921 por Olavo Olívio Olival Costa. Nos anos 1960, Octavio Frias de Oliveira assume o comando do jornal. “Octavio Frias de Oliveira é descendente dos barões de Itaboraí e Itambi, que fundaram o Banco do Brasil. Ocupou a terceira posição na escala do ditado *Avô rico, pai remediado e neto pobre*” (Conti, 1999, p. 182). Atualmente quem preside o conselho de administração do grupo folha é seu filho, Luiz Frias.

Feita essa breve apresentação de autor e veículo, vale destacar que a análise de discurso tem sido um aporte teórico importante para os estudos sobre comunicação, “ao permitir que as mensagens fossem entendidas não como *conteúdo*, isto é, fechada entre o início e o final do texto, mas como discursos” (Sá Martino, 2018, p. 165). Orlandi (2013), por sua vez, ressalta que, etimologicamente, a palavra discurso traz consigo a ideia de curso, de percurso, de movimento. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2013, p. 15).

A partir da delimitação do objeto de análise e da metodologia, a seguir é feita a análise discursiva da reportagem selecionada, considerando as premissas anteriormente apresentadas sobre reportagem e movimentos migratórios. Desta arte se busca entender qual a imagem que uma produção jornalística ajuda a construir no imaginário social dos brasileiros a partir dos elementos identificados quando a narrativa aborda o tema migração venezuelana neste século XXI.

6 DESUMANIZANDO O IMIGRANTE: ALARMANDO O PÚBLICO ATRAVÉS DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Historicamente a humanidade sempre se deparou com a complexa questão da migração. Ao longo dos anos, porém, uma lacuna notável passou a emergir na forma como a mídia frequentemente narra esses deslocamentos humanos. Assim, para tentar entender melhor essa questão, realiza-se uma análise discursiva da reportagem “Brasil teme crise migratória no Acre após Peru e Chile aumentarem controles”, produzida pelo jornal Folha de São Paulo, em 28 de setembro de 2023, a partir das premissas metodológicas mencionadas anteriormente.

O primeiro sinal de uma falta de olhar humanizado para o outro está presente no título da reportagem, quando é utilizado o verbo “temer” para representar a expectativa do Brasil diante da chegada de mais imigrantes. Tal palavra remete ao temor dos que já se encontram em um lugar ao perceber a chegada de estrangeiros, tal qual descrito por Bauman (2017, p14): “Pelo que conhecemos, o influxo maciço de estranhos pode ser o responsável pela

destruição das coisas que apreciávamos, e sua intenção é desfigurar ou abolir o nosso modo de vida confortavelmente convencional”.

Outro marcador de intolerância presente no título é a presença do termo “crise migratória”, que induz ao pensamento de desastre ou grande problema que terá que ser resolvido pelas autoridades governamentais. Tudo porque, conforme aponta Curi (2023), o imigrante tende a ser bem recebido apenas quando ele traz consigo potenciais geradores de capital.

Em outras palavras, a cidadania plena do imigrante só será válida enquanto consumidor e não como um agente social. A sua autonomia cultural somente existirá caso ele se torne força de trabalho, do contrário, na maioria das vezes, será no mínimo mal visto pela sociedade receptora (Curi, 2023, p. 47).

Bauman (2017, p. 70), por sua vez, define a utilização do termo crise migratória como “um codinome, permitam-me insinuar, tão vago quanto ameaçador e intencionalmente alarmante”. Além do título, logo após os parágrafos introdutórios, é utilizada a foto de um grupo de imigrantes em uma fronteira carregando malas.

Figura 1: foto de Aldarir Mejia utilizada na reportagem da Folha de S.Paulo.



Como legenda da imagem, aparece a frase “Imigrantes de várias nacionalidades escoltados por policiais do Peru até centro migratório em Tacna, na fronteira com o Chile”. Por conta disso, é possível perceber que os imigrantes não são recebidos por autoridades da embaixada de seu país de origem, e sim escoltadas pela polícia brasileira até o abrigo mais próximo. Ao realizar essa seleção de palavras para descrever a situação, a reportagem

transmite a mensagem de que os imigrantes não são recebidos de forma amigável no território brasileiro, pelo contrário, são tratadas como indivíduos marginalizados. A principal questão é a falta de uma abordagem crítica sobre o tema ao longo do texto. Isso evidencia a visão compartilhada tanto pelo jornalista quanto pelo veículo, que pressupõe que todo discurso tem um sujeito por trás e que esse sujeito é permeado por ideologia. No entanto, é importante destacar que inferir a ideologia do jornalista apenas a partir do local onde trabalha apresenta desafios significativos. Além disso, considerar o veículo de comunicação como um sujeito único é ainda mais complexo, dado que seu discurso é moldado por uma multiplicidade de influências que vão além da mera origem de seus fundadores e proprietários. No entanto, é válido considerar que: “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 2013, p. 17). Assim, interpretações de tais discursos são fundamentais para entendermos as narrativas midiáticas contemporâneas no que se refere à temática imigração.

Encerrando a primeira parte da reportagem, é descrita a chegada dos venezuelanos com a sentença: “O número crescente de imigrantes já sobrecarrega abrigos, segundo as autoridades locais” e que a vinda desse grupo populacional “desperta temores de uma nova crise migratória, como visto no estado em 2013 e 2021”. Essa passagem reforça novamente a concepção de que a chegada de estrangeiros em solo brasileiro é uma situação negativa, que desperta temor e causa situações problemáticas. Tal discurso induz o leitor a pensar a temática a partir de uma relação entre dominantes e dominados; ou seja, entre os que estão em situação de superioridade (no caso, os brasileiros) tendo poder sobre os que estão em condições inferiores (os venezuelanos):

Tudo isso faz com que a imigração, enquanto inscrita na relação entre dominante e dominado, enquanto sobredeterminada, quando não totalmente constituída por essa relação de dominação, não pode ser livre de toda moral, não pode ser totalmente laicizada (*i.e.*, livre de toda consideração moral). Não há fala, não há discurso sobre a imigração, mesmo os mais hostis, que não apelem para a moral, ou seja, para as boas intenções e os bons sentimentos, para os interesses simbólicos a eles ligados (Sayad, 1998, p. 60).

Na sequência da reportagem, o uso da expressão “receios” ao se referenciar a provável chegada de mais venezuelanos em solo brasileiro graças às novas políticas do governo peruano reforça o sentimento de medo que o Brasil estaria sentindo com a chegada de mais refugiados. Em seguida, é utilizada a fala de Letícia Mamed, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Acre (UFAC), que afirma que “Esta nova política nos preocupa muito, porque seremos aquele local para onde os imigrantes vão recorrer na primeira hora”, que aumenta a sensação de alarme com a perspectiva de mais estrangeiros se refugiando no Brasil.

Após isso, o autor do texto jornalístico escolhe utilizar a declaração “Não consigo nem imaginar como isso não vai sobrecarregar nossas bases de apoio aqui, porque elas existem, mas são pequenas”, da professora. Ao expressar sua preocupação, a docente coloca a culpa da sobrecarga populacional dos abrigos nos próprios imigrantes, e não na falta de iniciativa governamental para criar novos espaços de acolhimento e muito menos em incitar uma atitude acolhedora por parte dos brasileiros. Nesse momento é preciso questionar alguns preceitos jornalísticos, afinal, o jornalista poderia argumentar que estava apenas reportando os fatos e as falas das fontes, baseado em técnicas de apuração jornalística. No entanto, essa postura de complacência apenas contribui para fortalecer os interesses das classes hegemônicas, especialmente em um contexto marcado pela oligarquia predominante no Brasil. É essencial examinar de que forma os métodos jornalísticos podem inadvertidamente favorecer essas oligarquias, destacando a maneira como certos enquadramentos, escolhas editoriais e coberturas podem promover uma visão de mundo alinhada aos interesses econômicos e políticos das elites estabelecidas. Esta análise crítica revela a complexa interação entre a prática jornalística e a perpetuação das estruturas de poder oligárquico no país, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais reflexiva e responsável por parte dos profissionais da mídia na construção e na disseminação das narrativas públicas. Afinal, “essa objetividade com cor, gênero, endereço e poder também permeia e confunde muitas vezes com os procedimentos técnicos necessários ao jornalismo” (Moraes, 2022, p. 15). Ou ainda, como complementa a própria autora, tais procedimentos são “instrumentalizados para justificar, frequentemente, o injustificável” (Moraes, 2022, p. 15).

Em seguida, é citado que “o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) no Brasil, reconheceu a gravidade da situação do Acre”, mais uma vez adjetivando tal movimento como “crise”. Na legenda da segunda foto da matéria, é escolhida a declaração: “Acre lida com dengue, Covid-19, inundação e crise migratória ao mesmo tempo”, igualando o fenômeno de intenso fluxo migratório à desastres naturais e à pandemia, que naquele período, segundo dados do Ministério da Saúde, já havia levado a óbito 2.064 pessoas no país⁸. Ao equivaler essas situações, é associada uma conotação negativa a chegada de estrangeiros vindos da Venezuela, como se eles fossem mais um acontecimento negativo, ou até mesmo uma praga, que traz desesperança e possível risco de vida à população local.

Na seção “Brasil abre os braços, mas não abraça”, o êxodo migratório de venezuelanos é mais uma vez referido como algo ruim: “As autoridades do Acre já sentem a pressão migratória” (Cowie, 2023, desta vez com o auxílio da palavra pressão. Associada à declaração de Aurinete Brasil, assessora técnica

8 Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 01 de fev. de 2024.

regional da organização humanitária Cáritas no Acre, que afirma que “o Acre não tem condições hoje de acolher 200 pessoas, se chegarem ao mesmo tempo”, o leitor é incentivado a compreender que o Brasil, como governo e nação, considera difícil lidar com a chegada de tais imigrantes, ou seja, o texto pode levar a inferência de que tais imigrantes são indesejáveis. Tal discurso, com determinadas seleções de declarações das fontes nominais e narrativa alarmante remete a um simbolismo, que é o que se busca interpretar neste artigo, afinal, “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido” (Orlandi, 2013, p. 26). Ou seja, tal reportagem, desde a sua produção até a leitura pelo público já está investida de significância para e pelos sujeitos que, neste caso, recebem uma narrativa desumanizadora sobre os imigrantes venezuelanos.

Posteriormente, o texto apresenta uma contextualização sobre o processo de emigração em massa da Venezuela, ressaltando que o processo migratório ganhou impulso por volta de 2015 devido a uma grave crise econômica e política que assolou o país, caracterizada por hiperinflação, escassez de alimentos e medicamentos, instabilidade política e agitação social. Novamente o texto utiliza o termo “grave crise” para definir a situação sócio-política da Venezuela, intensificando o sentido alarmista da narrativa.

Na seleção de falas das fontes e no enquadramento dado pelo repórter, há uma maneira de narrar que opta por tratar o estrangeiro como um outro a ser evitado, como no seguinte trecho: “Em discurso no Dia da Independência do Peru, em 28 de julho, a presidente Dina Boluarte classificou alguns imigrantes no país como ‘criminosos’ e apelou por uma mudança no código legal nacional para facilitar deportações” (Cowie, 2023). Nesse e em outros trechos há menções marcantes de como os líderes latino-americanos estão em uma movimentação para endurecer as regras anti-imigração, dando a entender que o sentimento de repulsa a imigrantes é passível de naturalização, já que demais países e líderes estão seguindo esse mesmo caminho. A presidente do Peru antagoniza os imigrantes e os responsabiliza por problemas sociais já presentes antes da onda de imigração. Ademais, não são feitas problematizações sobre as falas dos líderes políticos, que muitas vezes são eleitos e colocados em pedestais como se fossem salvadores. “Sociedades fracassadas que investem suas esperanças num salvador, num homem (ou mulher) providencial, estão procurando uma pessoa nacionalista de forma incondicional, militante e belicosa” (Bauman, 2017, p. 65), ou seja, alguém que tente barrar um planeta globalizado e que tranque as portas que, conforme ressalta o autor, “há muito tempo perderam as dobradiças (ou melhor, cujas dobradiças foram quebradas), tornando-se inúteis”.

Voltando à reportagem, a violência relatada, a necessidade de se deslocar a Lima, a carência de políticas públicas e a taxa exigida para a documentação são indícios de um ambiente hostil aos imigrantes, que com esses fatores

combinados tornam-se barreiras de entrada e a tentativa de expulsar os venezuelanos, como relatado por uma das fontes venezuelanas na reportagem: “Lá [no Peru] você tem a oportunidade de ganhar muito dinheiro. Mas você vive mal, vive triste, estressada, sempre cansada” [...] A dificuldade de se regularizar no país foi uma das duas principais razões para a saída, além da precariedade dos serviços públicos”. Referindo-se agora ao território nacional, temos mencionado que os serviços sociais que o país apresenta são um dos fatores para a permanência dos imigrantes, mesmo que no país de destino eles tenham percalços em se sustentar financeiramente. Serviços como o Bolsa Família e o SUS auxiliam os que conseguem cruzar as fronteiras brasileiras, conforme explicitado no texto.

Por fim, na parte final do texto, como ao longo da reportagem, percebe-se diversas vezes o relato da temática relacionando com catástrofes sociais ou ambientais, impulsionando a onda migratória que encontra hostilidades nos países de destino. Elas chegam aos países estrangeiros e, como relatado no caso do Peru, são recebidas com políticas de regularização hostis que os fazem novamente aderir ao processo de deslocamento. Diante disso, conforme dá a entender na reportagem, elas partem para o Brasil e encontram em algumas medidas de assistência social uma forma de recomeçar a vida, mesmo passando por dificuldades financeiras e de adaptação social, conforme mencionado ao longo da análise da reportagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo do artigo, diversos dos apontamentos críticos feito pelos autores que pesquisam os processos migratórios, tais como Hall, Buaman e Sayad, aparecem no discurso jornalístico publicado na reportagem publicada pelo jornal Folha de S.Paulo aqui analisada. Termos como “crise migratória” e “temor” – que segundo a narrativa é o sentimento dos chamados nativos – criam um tom alarmista e desumaniza o outro, no caso, nomeadamente os imigrantes venezuelanos.

Quando se cria um discurso que estigmatiza pejorativamente o estrangeiro, especialmente aquele que deixa o seu país de origem para sobreviver, seja fugindo de uma guerra ou de uma situação de grave pobreza financeira e social, cria-se um clima hostil aos que estão chegando, quase como se não fossem integrantes da mesma espécie. “As pessoas estigmatizadas são repelidas, expulsas, banidas do grupo a que poderiam aspirar – e ainda, abertamente ou no fundo de seu coração, aspiram -, mas do qual foram excluídas” (Bauman, 2017, p. 44). Nesse sentido, percebe-se que o jornalismo praticado no caso analisado não cumpre a sua função social de, além de apresentar os fatos, interpretá-los no sentido de buscar o bem comum. A reportagem publicada pelo jornal Folha de S.Paulo, ao contrário, repete e repercute os estigmas apontados pelas fontes oficiais e, mesmo os imigrantes, quando ouvidos, são induzidos através de perguntas seletivas a confirmarem a sua condição de

indesejados (tanto no seu país de origem, que vive uma situação econômica e social precária, quanto no país para a qual eles querem ir). Ou seja, o discurso jornalístico, que ao mesmo tempo é influenciado e influencia nas narrativas da sociedade em que está inserido, reforça um etnocentrismo que enxerga o outro a partir de seus conceitos e preconceitos.

Nesse sentido, a perspectiva de Moraes (2022), que aborda dentre outras coisas o mundo que o jornalismo enquadra, faz com que se observe e se analise criticamente os materiais produzidos e publicados pela imprensa que abordam os processos migratórios ao redor do mundo. Assim como quando aborda outras temáticas, como o racismo, a homofobia e o machismo, por exemplo, é um jornalismo que muitas vezes trata como se determinadas pessoas valessem mais e outras menos. Ou ainda: “um jornalismo frequentemente avesso às diversas possibilidades de existências e pensamentos, mas vendido e assimilado como *locus* da verdade e da pluralidade, apesar do forte descrédito por parte do público nos últimos anos” (Moraes, 2022, p. 21).

Portanto, encerra-se esse artigo destacando que ele faz parte de uma pesquisa maior sobre as relações entre discursos midiáticos, processos migratórios e imaginários, e também reforçando que para o jornalismo ser de fato plural e cumprir com a sua função social, o outro precisa sempre ser humanizado. Caso contrário, os imigrantes ficam se sentindo da mesma forma que o personagem Meursault, de *O estrangeiro*, ao perceber que seu futuro estava sendo decidido sem ninguém lhe perguntar nada. “De algum modo, pareciam tratar deste caso à margem de mim. Tudo se desenrolava sem a minha intervenção. Acertavam o meu destino sem me pedir uma opinião” (Camus, 2022, p. 103). No caso do jornalismo, aliás, perguntar é uma premissa, então por que o estrangeiro também perde espaço nas narrativas em detrimento das fontes oficiais? Eis uma pergunta a ser respondida nas próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BOFF, Felipe. Reportagem. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2021 (p. 115-120).

BORTOLI, S. R. (2016). “**Jorge Kanehide Ijuim**”: Sobre o jornalismo humanizado. *Revista Alterjor*, 13(1), 5-13. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108>

CAMARGO, Julia; COGO, Denise; ALENCAR, Amanda. **Venezuelan Refugees in Brazil: Communication Rights and Digital Inequalities During the Covid-19 Pandemic**. *Media and Communication*, Vol. 10, No 2, 230-240, jun. 2022.

CAPELLI, Fernanda. **Submarino desaparecido**: conheça os 3 bilionários que estavam na expedição ao Titanic. São Paulo: BM&C News. Disponível em: <https://bmcnews.com.br/2023/06/22/submarino-desaparecido-conheca-os-3-bilionarios-que-estao-na-expedicao-ao-titanic/#:~:text=Um%20dos%20identificados%20como%20>

tripulantes,em%20agricultura%2C%20ind%C3%BAstrias%20e%20sa%C3%BAde.
Acesso em: 20 de out. 2023.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

COGO, Denise; ALENCAR, Amanda; CAMARGO, Julia. O Brasil vai virar uma Venezuela: migração, mídias digitais e eleições brasileiras. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte.

COWIE, Sam. **Brasil teme crise migratória no Acre após Peru e Chile aumentarem controles**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/brasil-teme-crise-migratoria-no-acre-apos-peru-e-chile-aumentarem-controles.shtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

CURI, Guilherme. **O majhar é aqui** – A comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Belo Horizonte: UFMG/PPGCOM, 2023.

FELLET, João. Hostilizados nas cidades, venezuelanos buscam abrigo em aldeias indígenas de Roraima. São Paulo: BBC Brasil News, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45325672>. Acesso em: 21 de nov. 2023.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

IJUIM, Jorge. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. In: Revista Verso e Reverso. São Leopoldo: Unisinos, V.31, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora** – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário** – Tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

OPERAÇÃO Acolhida atinge a marca de 100 mil refugiados e migrantes venezuelanos interiorizados em 930 municípios do Brasil. Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/operacao-acolhida-atinge-a-marca-de-100-mil>

refugiados-e-migrantes-venezuelanos-interiorizados-em-930-municipios-do-brasil.
Acesso em: 20/11/2023.

ORLANDI, P. Eni. **Análise de discurso** – Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013.

SÁ MARTINO. **Métodos de pesquisa em comunicação** – Projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração** – ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ZANETTI, Lucas. (2023). **Crítica da objetividade jornalística na cobertura sobre o migrante**: reflexões epistemológicas no contexto da esfera pública midiaticizada. *Ação Midiática – Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura*. 26. 1-19. 10.5380/am.v26i1.89946.